

16

Brasília, terça-feira, 10 de julho de 2001.

09/07/01 - 09:43 - Usina de Cana Brava precisa de aval do Congresso por atingir terra indígena

A Funai deve encaminhar pedido formal para que o licenciamento da usina hidrelétrica de Cana Brava, em Minaçu(GO), obtenha autorização do Congresso Nacional e passe também pelo crivo do Ibama, já que a área alagada no rio Tocantins invade a terra indígena de uma das nações mais arredias ao contato com os brancos, os avá-canoeiros. A informação é de técnicos da Funai que pediram para não ser identificados, diante da pressão que o órgão vem sofrendo "para não complicar o processo de aumento de energia elétrica em época de escassez". No caso anterior na mesma região, da usina de Serra da Mesa que também fica no rio Tocantins, houve fortes impactos ambientais e os avá sofreram influências negativas do lago formado pela barragem. Suspeita-se até hoje que o surto de febre amarela surgido a partir de Alto Paraíso (GO) tenha tido origem no deslocamento de animais da região inundada por Serra da Mesa, a cerca de 100km. Até agora os responsáveis pela usina de Cana Brava não fizeram estudos no interior da reserva. A Funai já colocou placas de advertência em torno região, diante da ameaça do alargamento do rio Tocantins em pelo menos 30 km, dentro das terras avá. Somente nas últimas semanas é que a controvérsia vem merecendo atenção de pesquisadores das Universidades Federal e Católica de Goiás, das ONGs e de indigenistas, bem como da imprensa. Há menos de dois meses o procurador da República em Goiás, Carlos Vilhena, solicitou informações à Gerasul/Tractebel, que detém a concessão da usina, mostrando que a Funai deve pedir para que o licenciamento seja submetido ao Ibama e ao Congresso, da mesma forma que aconteceu com Serra da Mesa. Está previsto para esta semana a apresentação de explicações da empresa Cana Brava Empreendimentos, que toca a obra de engenharia, mas a empresa nega que o alagamento do Tocantins vá prejudicar os índios. A obra obteve licenciamento ambiental da Agência Goiana de Meio Ambiente, o que os indigenistas não vêm como argumento sério já que a Agência tem dado licenciamento sem maiores cuidados, como ficou demonstrado na sexta-feira última, quando foi obrigada pelo Ministério Público a suspender por noventa dias a licença de instalação de outra usina - Corumbá IV, em Luziânia, por falta de cumprimento por parte da concessionária das exigências da licença prévia. Os índios avá-canoeiros são no Centro-Oeste dos mais arredios ao contato com os brancos, tendo se aproximado por força da ação da Funai somente nas últimas duas décadas, constituindo atualmente um grupo sob ameaça de extinção. Suspeita-se que sejam descentendentes de índios do litoral que fugiram das primeiras bandeiras que buscavam ouro em Goiás. Esta suspeita decorre tanto do fato de terem se mantido escondidos nas áreas mais inacessíveis do norte de Goiás, divisa do Tocantins, quanto pelo fato de falarem uma variação de tupi-guarani - ao contrario de outros grupos da região, que vêm do tronco macro-jê e aruak, como os bororo, hoje em Mato Grosso.

Imprimir

Fechar

Envia para alguém